

Circular à volta da circulação

A circulação vascular dilacera o corpo na sua intimidade mais guardada. A circulação é uma rota da paixão. O aparelho circulatório, no confronto capilar que desenvolve com as células, leva o sangue até ao limite da escala biológica. Se conseguíssemos reproduzir o desdobramento das artérias até aí, veríamos um corpo com uma morfologia muito idêntica àquela que é a sua morfologia definitiva. Isso quer dizer que o sistema vascular conseguiu chegar a todos os lugares do corpo, o que é visível mesmo quando mergulhamos através do microscópio, e vamos estreitando a nossa relação com a realidade. A circulação é uma rota da paixão. É este o problema do sangue: só funciona, só consegue trocar o que tem para trocar, na dimensão do contacto celular. E para tudo isso é necessário um coração que o empurre regularmente, mesmo com uma regularidade obsessiva, até esse limite celular. Bem vistas as coisas tudo isso só serve para esse contacto. Ou seja, coração, vasos, sangue (o sangue vermelho: da hemoglobina, das hemácias; não o sangue branco: dos leucócitos), foram construídos para proporcionar essa intimidade. O contacto capilar. A circulação é uma rota da paixão. Muito mais do que o coração de quem dizem ser o órgão do amor. Uma batida para todos os destinos, uma batida cega, como se o que fosse importante fosse chegar a qualquer lugar, rapidamente e, depois de ter chegado, então aí, parar para pensar, isto é, trocar. É por isso que a árvore arterial nos lembra isso mesmo, uma árvore, uma copa frondosa. A vontade de transformar o tempo (do transporte) em espaço (da ramificação iterativa). A circulação é uma rota da paixão. A circulação organiza-se a partir do princípio da bifurcação, da bifurcação sustentada. Isto é, se a bifurcação remete para uma ideia de opção, de alternativa (vou por aqui ou vou por ali!), no caso do sangue a importância é ir em todas as direcções embora num só sentido. Porque assim se garante que se leva a todos os lugares os mesmos elementos. A circulação é uma rota da paixão. A circulação proporciona-nos um banho interior, um banho de sangue. Há um lençol, uma onda de sangue que nos percorre todos os minutos (numa simplicidade curiosa com a unidade de tempo), e que, de certa forma, podemos dizê-lo, nos lava enquanto nos alimenta. Lava-nos e alimenta-nos no pormenor dedicado de uma grande paixão como se nada ficasse por lavar, por alimentar. A circulação é uma rota da paixão. Como se desejo e obrigação passassem a ser conceitos próximos que ganham luz e explicação na ideia de peregrinação. A circulação é, assim, essa compulsão do ir e voltar com aquela regularidade só possível porque há uma ideia de vida por trás de tudo isso. Mas há na circulação uma bondade maniqueísta: ela leva a virtude e traz o pecado, leva o bem e trás o mal; para o reciclar numa estância que tem a atmosfera dos paraísos biológicos: os pulmões, os alvéolos pulmonares. A circulação é uma rota da paixão. Mas aproximemo-nos mais ainda desta árvore da vida que todos transportamos e que aqui se revela, planificada num chão de mármore que a acolhe com a nobreza que ela exige. Chegados ao fim desta espiral de afectos, deste relato de intimidades que o corpo estabelece consigo próprio, só podemos dizer que A circulação é uma rota da paixão.

Paulo Cunha e Silva